

reportagem cultural

Um garoto que amava Beatles e MPB

ACERVO PESSOAL CLÁUDIO VERA CRUZ/REPRODUÇÃO/JC

Por um desses acasos da vida, Claudio Vera Cruz nasceu paraense. O pai, Pedro Paulo, e a mãe, Artenisa, eram gaúchos, mas se mudaram para Curitiba porque o primeiro atuava como inspetor bancário.

Desde cedo, o jovem Claudio mostrava interesse em criar sons. Usando apenas a boca, fazia “trilha” para as brincadeiras de mocinho e bandido. Seu primeiro instrumento foi uma gaitinha, na qual reproduzia uma única música: *Cerejeira rosa*, popularizada por Carlos Galhardo em 1955.

Na banda da escola, o menino experimentou pífano e clarinete. Influenciado pela irmã mais velha, Lúcia, que tocava piano, tentou esse instrumento também. “Comecei a achar que música não era a minha praia”, confessa.

Aos 13 anos, se mudou para Porto Alegre, mas continuou indo regularmente a Curitiba para visitar a irmã, que havia se casado e ficado por lá. Em uma dessas viagens, conheceu duas gêmeas que sabiam tocar violão. Uma nova perspectiva se abriu: “Fiquei abismado! Um instrumento que fazia harmonia? Aprendi *La Bamba* (Ritchie Valens), *Non ho l’età*

(Gigliola Cinquetti) e *Corcovado* (Tom Jobim)”.

Mesmo nutrindo grande paixão pela música popular brasileira, Vera Cruz não ficou imune ao fenômeno da beatlemania. Com um grupo de amigos - entre os quais Hermes Aquino, que viria a ganhar projeção nacional com *Nuvem passageira* - criou Os Satânicos, para tocar sucessos do quarteto de Liverpool. Como o nome não era muito comercial, passaram a se chamar Som 4. “Virou uma febre! Ganhávamos mais pra fazer um show do que os conjuntos de baile que ficavam cinco horas tocando”, afirma.

Amigo de Vera Cruz desde a adolescência, o guitarrista André Zeni fala com saudades dessa época. “Conheci o Claudio quando eu tinha 16 anos e ele, 19. Morávamos no mesmo edifício. Lembro-me bem dele tocando violão e cantando Beatles com o Hermes Aquino. no bar do térreo”, diz. A paixão mútua pelos Beatles fez com que, na década de 1990, Zeni convidasse Vera Cruz para um projeto semelhante: O Sonho Não Acabou, na ativa até hoje.

Outro integrante do grupo, o baixista Inácio do Canto guarda na



Claudio Vera Cruz já na década de 1980, com uma gaita de boca, seu primeiro instrumento

memória a primeira vez que viu o Som 4. “Foi em 1967, 1968, no Grêmio Náutico Gaúcho. Quase me mijei de emoção”, conta. “Estávamos sempre tocando em lugares diferentes, mas em certo momento começamos a trabalhar juntos em jingles. Depois ele entrou n’Os

Totais. Eram tempos maravilhosos! Definitivamente, eu e o Alemão viramos amigos.”

O sucesso do Som 4 chamou a atenção do apresentador Glênio Reis. Em 1968, Vera Cruz e Hermes Aquino foram convocados para integrar a banda de seu programa

na TV Gaúcha (hoje RBS TV), o GR-Show. “Foi um trabalho legal, ganhamos uma boa grana, mas eu tava meio doidão”, assume o guitarrista. O mundo vivia uma era de transição, e o movimento hippie começava a impactar o cenário musical - inclusive no Brasil.

Puro suco do rock ‘n’ roll

Com o fim do programa de Glênio Reis, Claudio Vera Cruz estava de boabeira. O Liverpool não desperdiçou a chance e o recrutou em 1969. Na hora de gravar o disco, porém, o músico abandonou o barco.

“Eu era meio antissocial, sabe? Nossa convivência era um pouco difícil. Comecei a ficar paranoico, pensava que todos estavam falando mal de mim. E também que não tinha o mesmo conhecimento musical que o resto da banda”, resume.

A história se repetiria quando, já rebatizada Bixo da Seda, a banda o chamou para tocar baixo e,

depois, assumir guitarra e vocais. Vera Cruz compôs riffs clássicos, como o da faixa-título, e a já citada *Dona Yeda*, mas não levou o crédito - e nem gravou o álbum de 1976.

Nesse meio tempo, o músico se envolveu com uma série de parcerias. Uma das mais notórias é o Succo, que chegou a contar com o carioca Zé Rodrix, ainda em início de carreira.

O Succo teve vida efêmera, mas fez um verdadeiro estardalhaço no II Festival Universitário de MPB da Arquitetura da Ufrgs, em julho de 1969. Na ocasião, a banda (ainda sem Zé Rodrix) iria executar

Nem só de graves vive o homem, parceria de Vera Cruz com o baixista Chaminé.

Foi uma performance caótica, com direito a “lançamento de talco” pelo vocalista Mutuca, que acabou atingindo os violinos da orquestra localizada no fosso em frente ao palco. Empolgado pela reação da plateia, o também baixista Português, ex-Som 4, levou uma galinha viva na noite seguinte. “Lembro do maestro agachado e o bicho passando por cima. E a massa delirando, pedindo pra quebrar tudo”, recorda Vera Cruz.

A situação saiu do controle. Irritado com as críticas da esposa do músico Geraldo Flach à performance do grupo, Chaminé partiu para as vias de fato. Português entrou na briga e acertou o baixo na cabeça do pianista, que foi levado sangrando para o hospital.

Após o show, os músicos tiveram que prestar contas ao delegado, que era nada menos que o irmão de Geraldo, Matias Flach. Em depoimento ao jornalista Arthur de Faria para o site Matinal, o hoje juiz aposentado declarou: “Ouvi os envolvidos e liberei todos. Geraldo contou-me alegremente que Português teve a iniciativa de entrar em contato e se desculpar pelo incidente”.

Na onda progressiva

Na virada dos anos 1970, o som progressivo de bandas como Yes e Genesis dava as cartas. Aquilo empolgou Vera Cruz, que, junto do tecladista Marco Aurélio Raymundo, o Morongo (proprietário da marca de artigos de surfe Mormaii), criou o grupo Saudade Instantânea. O objetivo era executar uma ópera rock.

O problema é que, na época, o músico atuava como projetista da extinta Companhia Riograndense de Telecomunicações, a CRT. “Os ensaios duravam a noite toda. Chegava no trabalho quase dormindo. Um dia, caí em uma guarita que eu mesmo havia projetado. O engenheiro responsável me chamou: ‘Ouvi dizer que o senhor é ótimo músico. Não estou aqui para interromper a carreira de ninguém’. E assim fui demitido”, ri Vera Cruz.

Eugeny - História de um sonho foi um sucesso absoluto, lotando o Teatro São Pedro por seis dias consecutivos em 1973. “Chamamos o (artista) Ricky Bols para criar o visual. A bateria da Gata, irmã do Morongo de apenas 13 anos, tinha luz e um stencil de estrelas. Foi um show revolucionário, de grande impacto.”

Hoje morando no Rio e atuando como diretor de TV, Paulinho Buffara assinou o texto. Ele lembra com carinho daquele momento e das composições que fez com Vera Cruz. “Esse espetáculo foi pioneiro não só no Rio Grande do Sul, mas no Brasil. A partir daí eu e o Claudio firmamos uma grande parceria, criando diversas músicas, como Bixo da Seda, Dona Yeda e as do Paralelo 30.”



Nos primórdios do Bixo da Seda; Vera Cruz está à direita, no canto escuro

